

Confluências e ressonâncias da Teoria Crítica dos Processos de Criação de Cecília Salles nas trilhas da literatura: relato sobre *Encadeamentos*

Beatriz Helena Ramos Amaral¹

Resumo

Este texto tem o propósito de revisitar o percurso de construção da teoria crítica dos processos de criação de Cecília Almeida Salles, salientando alguns tópicos fundamentais, como também examinar suas ressonâncias na atividade de agentes criativos e de pesquisadores. Primeiramente, apresentamos breve trajetória da construção teórica e crítica de Salles. E, em seguida, iluminamos pontos de confluência existentes entre seus alicerces básicos e a pesquisa sobre o livro *Encadeamentos* (poesia), na análise de Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, bem como as nossas pesquisas sobre a produção literária de Edgard Braga e Paulo César Pinheiro, enfatizando a repercussão das redes de criação na prática artística.

Palavras-chave: Cecilia Salles; Processos de criação; Redes de criação; Teoria crítica dos processos de criação; Relatos Artísticos e críticos.

Abstract

The purpose of this article is to revisit the formulation route of the critical theory of creation processes of Cecilia Almeida Salles, highlighting some basic topics, and to reflect about them, through the analysis of its resonances on the work of creative agents and researchers. Firstly, we present a brief introduction of Salles's critical theory of creation processes. Then, we highlight the confluence points of its foundations and the research on the creative process of *Encadeamentos* (poetry), analysed by Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, as well as our research on Edgard Braga's (poet / artist) and Paulo César Pinheiro's (composer, poet, novelist and playwright) literary works, emphasizing the repercussion of creation networks on artistic praxis.

¹ Escritora e pesquisadora. Doutoranda em Comunicação e Semiótica. Mestre em Literatura e Crítica Literária. Autora de *Planagem*, *Os Fios do Anagrama*, *Encadeamentos*. <https://orcid.org/0000-0001-9342-2568>

*manus*crítica

Keywords: Cecilia Salles; Creation processes; Creation networks; Critical theory of creation processes; Artistic and Critical reports.

Introito

Na amplitude instaurada pelas múltiplas linhas de interdisciplinaridade que norteiam a teoria crítica dos processos de criação desenvolvida por Cecília Almeida Salles, ao longo de três décadas, a partir dos anos 1990, pretende este texto empreender uma breve revisita a alguns de seus tópicos fundamentais, em especial o tema das redes de criação presentes nos processos de construção de obras específicas, fazendo-o por meio de dúplice ótica: de pesquisadora-autora. Deste modo, trazendo relatos de criação, almeja-se apresentar, de um lado, o testemunho crítico-analítico desta investigadora, que tem perscrutado procedimentos concernentes à criação artística de Edgard Braga e de Paulo César Pinheiro e que, de outro lado, em modo reflexo, tem o próprio pensamento criativo, especificamente como autora do livro *Encadeamentos*², examinado em âmbito acadêmico e convertida no objeto de dissertação de mestrado de Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, que o estudou sob a ótica dos processos de criação, conjugados com a perspectiva de natureza linguística da análise do discurso.

Para alcançar este propósito, concebemos nossa abordagem em três partes: na primeira, faremos breve revisita à construção da teoria crítica dos processos de criação, ressaltando a amplitude de sua busca científica, o reconhecimento da não-linearidade; na segunda parte, focalizaremos os pontos de incidência da teoria desenvolvida por Cecília Salles e a nossa própria atividade criativa, na área da literatura, particularizando a produção poética iniciada em 1980, apresentado fragmentos de análises a que foi submetido o livro *Encadeamentos* e também faremos menção aos trabalhos de pesquisa realizados no âmbito acadêmico, orientadas e embasadas pela teoria crítica dos processos de criação, entrelaçadas a outros instrumentos teóricos pertinentes (teoria literária, teoria funcionalista, teoria musical, harmonia), especificamente a realizada nos anos de 2002 a 2005, sobre a obra do poeta Edgard Braga (1897-1985), de cuja dissertação de mestrado resultou o livro *A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga*³ e a pesquisa realizada a partir de 2020, referente à obra do poeta, compositor, romancista e dramaturgo Paulo César Pinheiro (1949), pesquisa esta que ora desenvolvemos em sede de doutoramento, sob a valiosa orientação de Cecilia Salles; na terceira parte, faremos relato de algumas consequências destas pesquisas, advindas do entrelaçamento das atividades de escrita, leitura, crítica e pesquisa, flagrando conexões, recorrências e singularidades.

Processos de criação. Redes de construção

Em sua própria natureza de abordagem teórico-metodológica tendente a refletir sobre objetos de arte e da comunicação, a teoria crítica dos processos de criação construída por Cecília Salles insere seu campo de ação em amplo horizonte de potencialidades, com a conjugação entre o rigor científico e a prática da observação das realidades artísticas, instaurando novas instâncias perceptivas

2 AMARAL, B. H. R. **Encadeamentos**. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1988.

3 AMARAL, B. H. R. **A transmutação metalinguística na poética de Edgard Braga**. São Paulo, Ateliê Editorial, coleção estudos literários. v. 43, 2013.

nos movimentos dialógicos dinamicamente articulados entre o pesquisador, o objeto e o agente criativo.

A teoria crítica dos processos de criação nasce dos estudos de crítica genética realizados nos anos 1990 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) como desdobramento da crítica genética praticada na França desde o final da década de 1960, que se contrapunha nitidamente às abordagens estruturalistas. Àquela altura, formou-se em Paris uma pequena equipe com o objetivo de estudar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine. Embora os estudos tenham se iniciado em 1968, o termo crítica genética somente começou a ser utilizado no ano de 1979, na coletânea *Essais de Critique Génétique*⁴, publicada por Louis Hay, um dos fundadores do Institut des Textes et Manuscrits - ITEM - laboratório de análises dedicado ao estudo dos manuscritos literários. Entretanto, convém ressaltar que a busca de rumos para desvendar os caminhos da criação literária é bastante antiga, valendo lembrar que a poética e a retórica clássicas já se interessavam pelos mistérios do fazer literário.

A abordagem da crítica genética chega ao Grupo de Estudos em Processos de Criação (criado por Cecília Salles no de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP e que, inicialmente, recebeu o nome de Centro de Estudos de Crítica Genética) em 1992. De modo natural, os trabalhos de pesquisa que se iniciam e se desenvolvem em áreas distintas acabam por ensejar grande expansão do objeto de estudo, pois começam a ser analisados documentos de processos de criação diversos dos literários, documentos em sentido amplo, entre os quais anotações de diretores de teatro, tratamentos de roteiros de cinema, croquis de coreógrafos, versões de partituras musicais, cadernos de artista. O alargamento do campo de pesquisa realizou-se pela abertura para objetos estéticos de linguagens e expressões artísticas diferentes e, em seguida, para objetos de comunicação não necessariamente estéticos, mas de outros ramos do conhecimento, da ciência, da educação, do jornalismo, da publicidade.

Esta significativa abertura de fronteiras possibilitou a consolidação dos princípios basilares da teoria, deixando transparecer sua natureza de teoria crítica, pela abrangência da interação entre observação e prática e pensamento analítico, expandindo o espectro de estudo e ensejando diálogos com o pensamento de Charles Sanders Peirce, Edgar Morin e Vincent Colapietro, cujas abordagens possuem importantes pontos de conexão com a concepção teórico-crítica erigida por Cecília Salles.

A discussão acerca destes novos registros - além dos literários - acabou por adensar o conhecimento da criação e trazer novos ângulos de estudo. Todos os registros passaram a ser considerados índices do pensamento em processo. É claramente perceptível que a ampliação da natureza dos objetos de estudo está conectada à própria essência da teoria crítica dos processos de criação, de modo a desbordar dos limites do pensamento tradicional, num diapasão de abertura ao conhecimento multidisciplinar e ao pensamento não-linear. Ao ultrapassar os desgastados cânones da previsibilidade, Salles instaura avanços e favorece, com equilíbrio e moderação, o grau de ousadia necessário ao desenvolvimento do pensamento científico e acadêmico. E, claro, é também inquestionável que o desenvolvimento da teoria é também decorrente da atmosfera acadêmica interdisciplinar que caracteriza o conjunto discente do Programa de Pós-

4 ARAGON. *Essais de critique génétique*. Paris, Flammarion, 1979.

Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC, no qual Cecília Salles, exercendo há anos a docência na condição de Professora Titular, ministra cursos para alunos procedentes de diversas áreas de conhecimento, que refletem, conjuntamente, sobre a criação e seus processos.

Esta característica torna clara a liberdade de pensamento, que, com as balizas do rigor científico, avança de modo notável, nos movimentos de plena expansão da teoria crítica dos processos de criação, em que a expansão continuada é relevante.

Os ensinamentos de Cecília Salles estão também inseridos nas valiosas obras de sua autoria publicadas concernentes à temática da criação. O primeiro de seus livros individuais, *Crítica Genética: uma (nova) introdução*⁵, fornece ao leitor um contato inicial com a matéria. Segue-se a publicação de *Gesto Inacabado* (1ª edição em 1998 e 5ª edição em 2011). As obras da teórica concretizam um caminho de singularidades que, aos poucos, erige disciplina e conhecimento autônomos, destacando-se da crítica genética e desbravando nova abordagem. Segue-se a publicação dos livros *Redes de Criação - construção da obra de arte*⁶ e *Arquivos da Criação*⁷, nos quais a teórica apresenta os alicerces, os princípios e a estrutura de sua teoria crítica, com um significativo conjunto de exemplos práticos sumariados e analisados.

A respeito da expansão do campo de estudos da teoria dos processos de criação, é extremamente significativa a fala de Daniel Ferrer⁸ do ITEM, com o reconhecimento de que, na contemporaneidade, o estudo do processo de criação viria a atravessar as fronteiras dos gêneros e das linguagens artísticas, assumindo a vocação transartística. Afirmou o teórico que seria inevitável a expansão dos estudos de crítica genética, nas esferas transartística, transemiótica e transdisciplinar. Discorrendo sobre o tema, Ferrer afirmou que, de modo radical, que esta seria a única possibilidade de existência da crítica genética no século XXI.

É nas páginas de *Gesto Inacabado*⁹ que Cecília Salles principia a estruturação de sua teoria e o faz mantendo profícuo diálogo com a Semiótica de Charles Sanders Peirce, identificando a presença das características do conceito de semiose no desenvolvimento das práticas criativas. No desenvolvimento da abordagem teórico-crítica, além das obras individuais, em centenas de artigos e ensaios de sua autoria publicados em todo o mundo e em inúmeras conferências, também foram concluídas pesquisas realizadas por alunos, nas diversas regiões brasileiras, nas mais prestigiadas universidades, em âmbito de pós-graduação, muitas delas já publicadas em livro, confirmando os vários princípios e tópicos centrais da teoria crítica dos processos de criação.

A análise do inacabamento do gesto, aprofundada no segundo livro de Salles, acaba por delinear a existência de sua expansão como característica essencial do processo de criação. E é desta característica que nasce o estudo das redes de criação, cuja concepção emprega o conceito de rede de Pierre Musso e com ele

5 SALLEs, Cecília Almeida. **Crítica Genética: uma (nova) introdução**. São Paulo, Educ, 2000.

6 SALLEs, Cecília Almeida. **Redes da criação**. Construção da obra de arte, Vinhedo (SP), Horizonte, 2006.

7 SALLEs, Cecília Almeida. **Arquivos da criação**. Arte e curadoria. Vinhedo (SP), Horizonte, 2010.

8 FERRER, Daniel. A crítica genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In: WILLEMART, Philippe. (Org.) **Fronteiras da criação: VI Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito**. São Paulo, Annablume, 2000.

9 SALLEs, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**. São Paulo, Intermeios, 5ª edição, 2011.

interage em movimento que alarga a compreensão da complexidade do processo. A existência das redes de criação fornece ao pesquisador um conjunto de chaves precisas para o entendimento dos vetores e princípios que fazem uma obra ser o que realmente é, na esfera das próprias peculiaridades, com o cotejo da obra posta em circulação e as fases de seu processo de criação. A propósito, para ressaltar a dimensão das redes na teoria crítica dos processos, pelo histórico da construção da teoria, podemos revisitar o pertinente ensinamento de Salles. Escreveu Salles:

A necessidade de abordar o processo criativo com o auxílio da metáfora da rede, tem, para mim, vários estímulos. Um deles foi certamente ouvir as críticas de leitores de pesquisas em crítica genética: as descrições exaustivas de substituições, adições, cortes e deslocamentos os levam a questionar o papel de tal crítica.

Salles ainda frisa que “a ausência de saltos interpretativos” obriga a pensar, afinal de contas, a que veio esse tipo de estudo. Afigura-se clara, portanto, a necessidade de amplitude de compreensão da manifesta complexidade dos processos. A afirmação de Salles tangencia a ratio essendi da teoria crítica dos processos de criação, mostrando a capacidade da abordagem perceptiva que se buscava.

A teórica dedicou o primeiro capítulo à criação como rede e, após discorrer sobre a complexidade do tópico, abriu espaço para a observação, em Ruas e escritórios, tratando da inserção da atmosfera e do ambiente exterior no escritório de criação. Também centrou o olhar na memória, nas tramas do pensamento, em especial nas interações cognitivas. Destacou, nestas, as expansões associativas, matrizes geradoras e embriões ampliados. Focalizou desdobramentos, mencionando a autoria, as diferentes relações entre obras e processos.

Estes anos de avanços e consolidação da teoria foram marcados pelas interações mantidas por Cecília Salles com o pensamento de Edgar Morin e Vincent Colapietro, sendo de se destacar a questão do pensamento complexo e da complexidade, que reconhece a relevância do trânsito de saberes (Morin) e a temática do descentramento do sujeito como pontos de destaque de cada intersecção, no exame percuciente dos chamados locais da criatividade (Colapietro).

Relevante consignar, também, que a materialidade dos documentos de processo insere-se numa perspectiva relacional, uma vez que o crítico estabelece relações entre os diferentes dados com o escopo de compreender o movimento da criação.

Todo processo de criação possui tendência e sua ação sígnica contínua corresponde a um processo de causação final, nos moldes concebidos por Peirce, consistente na busca da verdade por meio da compulsão de ação da inteligência investigadora¹⁰. A constatação da continuidade do processo conduziu à conclusão de que o gesto é sempre inacabado. Este reconhecimento implica na relativização da conclusão como única solução possível. Muitas vezes, o agente criativo realimenta seus processos a partir de elementos embrionários extraídos de obras anteriores. A reiteração de temas e de características estéticas foram minudentemente observados e criteriosamente avaliados por Cecília Salles, que, abrindo nova frente de diálogo, desta vez com o pensamento de Pierre Musso, identificou a existência de redes de criação.

10 SALLES, 2011.

Importante salientar, neste ponto, que, no curso do desenvolvimento da teoria, em sua obra posteriormente publicada, Arquivos da Criação - arte e curadoria¹¹, Cecília Salles discorre sobre o importante tema da relação entre o artista e a matéria, examinando questões relativas ao espaço de exploração de possibilidades da criação, ao mesmo tempo em que traz a exame dos leitores um sólido conjunto de documentos e relatos de análises realizadas em diversos processos criativos, entres os quais o do escritor Ignacio de Loyola Brandão e o artista plástico Daniel Senise.

Preservados os alicerces fundamentais da teoria crítica dos processos de criação, mantém-se o seu dinamismo e amplia-se exponencialmente seu alcance, graças ao incessante e profícuo trabalho reflexivo e investigativo de Cecília Salles, trabalho que vem sendo enriquecido pela ininterrupta produção de teses e pesquisas de centenas de orientandos, em diversas regiões brasileiras.

Nesta atual fase de nossa interlocução acadêmica, sob sua orientação, desenvolvi, nestes anos, a minha pesquisa acerca do processo de criação do poeta, compositor e escritor Paulo César Pinheiro. Entretanto, a instauração deste diálogo e os contatos iniciais com a matéria remontam à década de 1990, ocasião em que Encadeamentos, de minha autoria, foi escolhido como objeto de dissertação de mestrado de Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, sob a ótica da crítica genética e, também, da análise do discurso. Destarte, com o propósito de percorrer este longo caminho de interlocução e dele relatar as consequências mais significativas, construiremos, a seguir, uma breve digressão.

Interlocução. Arte, pesquisa e criação. Apontamentos e relatos

Iniciamos nossa produção no âmbito da literatura em 1980, com a publicação de um romance, seguindo-se obras escritas em outros gêneros literários (poesia, conto, ensaio, crítica.) O terceiro, Encadeamentos, foi publicado em 1988, por Massao Ohno Editor e reúne sessenta e dois fragmentos poéticos escritos a partir de 1984. A influência da música se mostra visível desde logo, no título e até mesmo na capa, concebida com o propósito de dar unidade ao livro como objeto estético, cujos aspectos gráficos e espaços em branco compõem a visualidade, relevante em todo o projeto. A ideia do título do livro surgiu a partir de nosso contato com a disciplina Harmonia Musical, estudada por três anos, ao tempo em que cursamos a Faculdade de Música. Algumas manhãs eram impregnadas pela atmosfera das aulas, o pentagrama pintado no quadro-negro, com as claves de sol e de fá, e, principalmente, o desenho das notas musicais, na elaboração dos encadeamentos de acordes, que objetivava dar aos alunos fluência harmônica.

Ao realizar os exercícios, fruindo a poeticidade da música, o aspecto eufônico da palavra encadeamentos ia fazendo, mentalmente, a conexão com o enjambement poético, consistente na divisão de uma frase, no final de uma linha do poema ou de uma estrofe, ultrapassando as fronteiras dos sintagmas.

O enjambement promove um desbordamento ou transbordamento que insinua o movimento de ir além do previsível, um deslocamento da busca da sensação de estranhamento (*ostranenie*), cunhada pelo linguista, escritor e crítico literário Viktor Chklovski, ínsita à própria poesia e, evidentemente, ao fazer poético. O processo da arte é o processo da singularização e as noções da palavra

¹¹ SALLES, 2010.

encadeamento, com o aspecto sonoro dos acordes e dos intervalos entre as notas que os integram, iam tecendo um campo de possibilidades de transposição de linguagens: a musical e a verbal. O emprego do enjambement (encadeamento) na poesia instaura efeito de coesão, pois a estrutura sintática da frase, dividida por dois versos ou linhas do poema, não permite a realização da pausa descendente habitual, mas com entonação ascendente, indicativa da continuidade sintática e semântica que se projeta até a linha seguinte.

A correlação entre o encadeamento musical e o verbal instigou a conjugação entre as duas linguagens, razão pela qual inserimos na capa do livro pautas musicais sem nenhuma clave para ser lida e ouvida e sem notas musicais, sem indicação de ritmo, mas com letras no lugar de notas musicais, letras soltas ou compondo conjuntos silábicos, com o propósito de ser o elemento verbal dito e ouvido, como música, e esta, sensorial e intelectivamente recebida.

Impõe-se, neste ponto, digressão para relato. Recebi em 1990 a notícia de que a pesquisadora Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer havia lido *Encadeamentos* e desejava estudá-lo, em seu aspecto de composição/construção, como tema de seu mestrado. Em atendimento à sua solicitação, concedi-lhe longa entrevista sobre o processo criativo. Também lhe forneci os rascunhos que possuía do livro: um caderno manuscrito e conjuntos datiloscritos, em várias versões. Publicaram, em coautoria, Maria Cecília de Salles Freire César e Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, um artigo sobre o processo criativo empregado em *Encadeamentos*, artigo esse intitulado *Semiótica dos rascunhos - sintaxe das rasuras*¹², publicado no segundo número da Revista *Manuscrita*, N. 2, em 1991. As duas pesquisadoras embasaram suas reflexões nos estudos de *Criação em Processo*, aulas e ensinamentos de Cecília Almeida Salles, que já àquela altura, tendo publicado *Crítica Genética: uma introdução* e estando a trabalhar em *O Gesto Inacabado*, erigia os princípios e conceitos que viriam a estruturar a teoria crítica dos processos de criação.

Com estes fundamentos, Maria Cecília e Anna Luiza reconheceram que “a obra *Encadeamentos* foi desencadeada pela música e absorvida pela linguagem verbal, ao tornar-se poética. Seus rascunhos foram percorridos, semiótica e sintaticamente para verificar como estas duas linguagens - musical e verbal - se harmonizam”. O artigo realça a chave para a abordagem pretendida, extraída de um poema: “receba este livro / como uma partitura / a brincar entre seus dedos / virtuosos / depois recolha a essência / do texto – o eu expresso / ao ser impresso / como verbo”.

Acrescentam as pesquisadoras que “a música é elemento propulsor básico que desencadeia o signo poético”¹³, salientando que ela vai além da função de estímulo, pois o ícone musical acaba absorvido pela linguagem de forma intensa. E escrevem:

A música, para Beatriz Amaral, ultrapassa o estágio de um competente auxiliar, como diz Cecília Salles, a respeito do processo de criação de Ignacio de Loyola Brandão, para se tornar

12 BAUER, Anna Luiza C. de Camargo Arruda; CÉSAR, Maria Cecília de Salles Freire. **Semiótica dos rascunhos – sintaxe das rasuras**. *Manuscrita* - revista da APML, São Paulo, n. 2, 1991 – impressa e digitalizada. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/2003449/187432>

13 *Ibidem*, pp. 65-66.

*um elemento insubstituível, visceral em seu processo. [...] o efeito é de continuidade, encadeamento.*¹⁴

As pesquisadoras constataram que alguns dos poemas foram reescritos cinco vezes, havendo concisão crescente a cada nova versão. A maioria dos títulos foi eliminada. Os poucos remanescentes receberam letras minúsculas. Todas estas ações compõem uma estratégia dirigida para a unidade do conjunto de sessenta e dois fragmentos, cada qual concebido como um acorde musical.

Visível também a não-linearidade da escrita, pois os poemas foram inicialmente compostos em folhas soltas e no caderno, concomitantemente, até surgir a ideia do livro. A questão sintática está metaforizada por meio do deslocamento de palavras, descritas num dos fragmentos como “peixes saltitantes”. Reafirmando a proposição inicial, no sentido da absorção da linguagem verbal pela linguagem musical, as pesquisadoras consideraram os fragmentos do livro como acordes-poemas, que se conectam na coerência de um projeto de apuro e concisão também evidenciada nos rascunhos. O signo gerado e, ao mesmo tempo, gerador, transitava pelos domínios de uma sintaxe de concisão.

Posteriormente, a revista francesa *Genesis - Revue Internationale de Critique Génétique (Manuscripts - Recherche - Invention)* n. 3, publicada em 1993, trouxe nota crítica acerca da 2ª edição da *Manuscrita*, nota elaborada por Régis Salado, que, fazendo expressa menção ao artigo de Maria Cecília de Salles Freire César e Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, em *Semiótica dos rascunhos - sintaxe das rasuras*¹⁵, escreveu:

*La présentation et l'analyse des cinq versions (dactylographiées et manuscrites) d'un poème du recueil Encadeamentos (Enchainements, São Paulo, 1988), de Amaral, illustrent le travail de condensation et de correction opérée par l'auteur/lecteur sur le texte initial de le auteur/scripteur. De la première version du poème à la version publiée les modifications indiquent que l'auteur crée par "un processus métonymique".*¹⁶

Naquele mesmo ano de 1993, Anna Luiza C. de Camargo Arruda Bauer defendeu a dissertação de mestrado *Dos rascunhos à obra editada: um itinerário poético*¹⁷, tendo como objeto de estudo o referido livro e o conjunto de rascunhos manuscritos e datilografados, analisados sob a ótica dos processos de criação e também da teoria do discurso, tendo dupla orientação (de Anna Maria Marques Cintra e Cecília Almeida Salles). Compareci à sessão de defesa e, do impacto causado pelo longo estudo do livro e do processo de escritura, advieram as primeiras sementes de consolidação de meu grande interesse pelo estudo dos processos de criação. Percebi claramente a presença de uma força maior do que a satisfação de ver a apreciação crítica aprofundada de um de meus livros.

Na verdade, ocorrera um ponto de virada em minha ótica crítica, pois o interesse intelectual de estudar obras de outros agentes criativos tornava-se cada vez mais

14 Ibidem.

15 BAUER; CÉSAR, 1991.

16 SALADO, Régis. **La revue Manuscrita [note critique]**. In: *Genesis (Manuscripts – Recherche – Invention) – Revue internationale de critique génétique*, número 3, 1993, Paris – pp. 165-172, p. 165.

17 BAUER, Anna Luiza Camargo Arruda. **Dos rascunhos à obra editada: um itinerário poético**. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, PUC-SP.

claro, embora minha atividade profissional, àquela época, não permitisse o tempo suficiente para estes estudos.

A partir deste ponto, abriram-se instâncias de interlocução com o estudo dos processos de criação e com Cecília Salles, a quem convidei para participar de ciclos literários que realizei na Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo. Em 1996 e 1997, a convite da Secretaria, coordenei projetos e ciclos de literatura, arte e cultura e, no primeiro deles, inserimos uma mesa com a participação de Cecília Salles, Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda Bauer, Maria Cecília de Salles Freire César e Beatriz Helena Ramos Amaral (maio de 1996, Biblioteca Mário de Andrade) – com abordagens teóricas sobre os processos de criação e apresentação do estudo de Encadeamentos nesta ótica. Em 1997, idealizei o projeto *Sonoridades, Visualidades, Movimentos da Poética Contemporânea*, apresentando processos intersemióticos e organizei, no Centro Cultural São Paulo, várias mesas em torno de eixos e tópicos concernentes ao tema, sendo uma delas com a participação de Cecília Almeida Salles, Mirian Chnaidermann e José Geraldo Couto. Também participaram da série Joel Pizzini, Lívio Tragtenberg, Alberto Marsicano, Arnaldo Antunes, Cid Campos, Péricles Cavalcanti, Nina Moraes, Alice Ruiz e Walter Silveira.

Seguiu-se a inserção de minha atividade de pesquisadora no âmbito acadêmico. Iniciei mestrado em 2002, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, com projeto para análise da obra completa de Edgard Braga (1897-1985). A atividade de resenhista - escrevendo comentários críticos, artigos e resenhas, já existia em meu cenário de atividades. O núcleo central de nossa pesquisa a análise das interações que compõem o movimento dialógico e intersemiótico existente entre as linguagens verbal e linguagem visual na tessitura da obra de invenção de Edgard Braga, poeta brasileiro nascido em Maceió, Alagoas, e que, a partir da juventude, viveu no Rio de Janeiro e em São Paulo, cidade na qual fixou domicílio por toda a vida. Autor de obra poética pioneira e arrojada, considerado pelo poeta, tradutor e crítico Haroldo de Campos o patriarca semiótico, Edgard Braga iniciou sua produção literária na juventude e publicou o primeiro livro em 1933, ainda sob a influência do simbolismo, penumbrismo e do parnasianismo, buscando conjugação com a estética modernista. Sua produção bibliográfica avançou pelas décadas seguintes, num movimento de intensificação de procedimentos de transgressão que se conectam com a poesia concreta, nos anos 1960 e que culmina, nos anos 1970 e 1980, na plenitude da interação entre imagem e palavra.

A plena integração entre letra e desenho é um dos traços marcantes da inventividade de sua poesia, que ultrapassa todos os horizontes da previsibilidade para atingir, de modo pioneiro, uma espécie de fusão de letra/imagem, a qual se expressa plenamente nos chamados “tatoemas”, poemas tatuados na pele do papel, chamados por Haroldo de Campos de “tactilogramas”.

A intersecção de linguagens gera transmutação, em que o sopro de liberdade estimula o deslocamento da linguagem, aspecto que se consuma como importante característica da estética contemporânea e que, na poética de Edgard Braga, resulta numa tessitura muito bem articulada na qual se destacam os elementos construtivos do poema. Acentua-se a voz metapoética de Braga, que se intensifica com o passar do tempo, num conjunto de procedimentos que se dirigem para o deslimite. Assim nasce cada poema de Braga, a partir dos anos 1960: orientado para o deslimite e enfatizando sua própria construção.

Esta percepção dos aspectos da geração do poema ensejou o artigo de Lúcia Santaella, a respeito da obra de Edgard Braga, intitulado *Um poeta, em busca do amanhecer da linguagem*¹⁸, publicado em edição da revista *Dialética*, inteiramente dedicada ao poeta. Reconhecendo a presença da taticidade como elemento dominante na poesia de Braga, a ensaísta identificou em sua obra: “Gestos prenhes de sentido. Grávidos de prazer. Rabisco. Corpo extrovertido em movimentos de mão. Sutilezas de mãos prolongadas num meio (polpas dos dedos, lápis, pincel) para um suporte (papel, muro, chão).”

No mesmo sentido, ao prefaciar o livro *Soma*¹⁹, Haroldo de Campos vislumbrou esta matéria de nascedouro vibrante e a nomeou: “a matriz primeira da criação, ebuliência germinal, verbo-espermática”. As evidências do caráter germinal se distribuem por formas e temas de acentuada recorrência na poética de Edgard Braga, que faz largo uso da função metalinguística em seu texto.

O exame desta poética conduz ao reconhecimento de rede de criação em Braga, na qual se destaca a experiência da taticidade, o exercício dos dedos na construção da poesia, apontando para a invenção radical e recebendo, assim como a poesia concretista, influências dos postulados dos movimentos de vanguarda europeus do início do século vinte, em especial o dadaísmo, o futurismo, o cubismo.

A valorização da interdisciplinaridade e da hibridização representa uma conquista do espírito transgressor presente no processo de criação de obras de arte. A abertura de fronteiras proporcionada pela abertura de horizontes (matizada, evidentemente, pelo rigor científico) da obra teórica de Cecília Salles fertiliza as potencialidades de estudo, possibilitando identificação segura dos elementos direcionadores do processo de criação examinado. Justamente por ser livre na construção da própria linguagem, o texto poético envereda, muitas vezes, por caminhos de ruptura. Noutras vezes, mantém diálogo com a tradição estética que o precede.

Alguns poemas instauram intensa valorização da concisão e da eufonia, em sede de um espacialismo em que o poema é som, é grafia e é signo de um minimalismo de alta densidade. Um bom exemplo é este poema sem título, extraído do livro *Soma*²⁰:

ilha
brilha
tranquila

Outros, como *Gênese*, *Poem e Nascimento da poesia*, por exemplo, assinalam a ênfase na própria criação como tema. Nesta faixa é que nossa pesquisa

18 SANTAELLA, Lúcia. **Um poeta, em busca do amanhecer da linguagem**. In: *Dialética – Revista de diálogo com a inteligência* (número especial dedicado ao centenário de nascimento de Edgard Braga) ano 7, n. 5, Maceió, Sesc de Alagoas, 2000.

19 BRAGA, Edgard. **Soma**. São Paulo, Invenção, 1963.

20 Ibidem.

vislumbrou um universo que guarda significativa conexão com a teoria crítica dos processos de criação. O exame acurado da linguagem poética de Edgard Braga permitiu a localização da substância essencial da poesia de Braga. A esta questão dedicamos um capítulo do livro *A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga*²¹. No capítulo *Metalinguagem e Gênese*, dedicamos a parte final à análise de *Gesto Criador e Gênese*.

Os aspectos mais experimentais da poesia de Edgard Braga deixam clara a interação entre linguagem verbal e visual, além de exteriorizar o caminho da não-linearidade, que permite hibridização e a expansão do significado poético, pelo trânsito sempre amplo da intersemiose. A propósito, lembramos a palavra de Carlos Ávila: “Pelas frestas o poeta inocula o seu concentrado pensamento crítico”.²²

Destarte, caminham juntos poesia e crítica, abrindo percepção para transmutante horizonte. Podemos afirmar que o eixo visual da poesia contemporânea descende do processo de condensação de linguagem que nela se realiza.

Edgard Braga realiza poemas no espaço de convergência entre o desenho e a palavra. Em seus livros *Soma* (1963), *Algo* (1971), *Tatuagens* (1976), *Murograma* (1983), *Infância* (1983) e no conjunto de *Poemas Avulsos* (1960/1970), constrói sua trajetória de invenção, erigida, principalmente, pela hibridização da tessitura da linguagem. Seu traço é verbo, letra, risco, imagem, grafema, garatuja, sílaba, grafite sobre a pele do papel. Instaura a poética concretista em sua obra e, progressivamente, abandona o seu rigor, para alargar o espaço de interação entre as linguagens, levando às últimas consequências a transmigração entre palavras e imagens. O uso de diferentes cores, de fotografias e objetos acolhem o impulso de abolição de fronteiras. Ao captar as múltiplas possibilidades criativas do percurso, Edgard Braga produz, nos anos 1970 e 1980, de modo artesanal, uma linhagem que antecipa, visualmente, muitas das conquistas que, mais tarde, seriam desenvolvidas por meio da poesia digital e da poesia holográfica. Ao dialogar com o leitor crítico, a obra bragueana também convida a uma relevante reflexão, pela ampla abertura de portas para o resgate a essencialidade do fazer poético em plenitude.

Nesta fase do percurso de interlocuções, a pesquisa sobre o processo de criação do compositor, poeta, romancista e dramaturgo Paulo César Pinheiro, permite-nos conectar todos os fios ou linhas de pesquisa e conhecimento que pareciam soltas. A reflexão crítica, a poesia, a música, a teoria musical e a harmonia se comunicam e somam as suas estruturas para propiciar uma viagem estética por obra de vastas proporções do premiado agente criativo. Autor de mais de duas mil músicas, letrista e também melodista, Pinheiro possui uma imensa gama de parceiros que atravessam seis gerações. Iniciou sua produção em 1968, ainda adolescente e teve obras interpretadas por Clara Nunes, Elis Regina, MPB4, Lenine, Baden Powell. O estudo da complexidade de seu processo criativo à luz da teoria crítica dos processos de criação abre importantes clareiras sobre a história do Brasil, para as questões de natureza étnica, a estrutura política e social do país, além de embarcar com profundidade pelo terreno da religiosidade, da espiritualidade, do lirismo e da metapoesia. A propósito deste nosso trabalho,

21 AMARAL, 2013.

22 ÁVILA, Carlos. **Poesia Pensada**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2004, p. 25.

escrevemos em parceria com Cecília Salles artigo intitulado *Reverberações de Guimarães Rosa no imaginário das experimentações artísticas*²³.

Neste mosaico de potencialidades, relembramos a principal decorrência de nosso encontro, a partir da literatura e de *Encadeamentos* com a obra teórica e crítica de Cecília Salles sobre os processos de criação: gerar a consciência e a dimensão da natureza processual de minha própria criação, tornar-me pesquisadora, e propiciar a reconquista do liame estético, ético e plural entre música, poesia, teoria literária, teoria musical. Encontro gerador de interlocuções que se multiplicam.

Em seu prefácio a *Peixe Papiro*²⁴, reconhecendo a imprevisibilidade, a surpresa e o estranhamento inerentes à linguagem poética, ensina Cecília Salles que a construção das imagens poéticas se situa “no poder de colocar palavras lado a lado sem a possibilidade do leitor prever o que vem a seguir”. Ao asseverar que a marca da singularidade de cada poeta é a natureza de suas imagens, seu campo de exploração, afirma ser instigante vivenciar “hipóteses de concha e tempo”, entre hipóteses experimentadas pelo trabalho na palavra, delimitando o modo de leitura de cada um. Que a luz teça a hipótese da sílaba em novos e incessantes caminhos de abertura.

Referências

AMARAL, B. H. R. **A transmutação metalinguística na poética de Edgard Braga**. São Paulo, Ateliê Editorial, coleção estudos literários. v. 43, 2013.

AMARAL, B. H. R. **Encadeamentos**. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1988.

AMARAL, B. H. R. **A poesia de Edgard Braga e seu eixo metalinguístico**. Suplemento Literário de Minas Gerais. 2007, Belo Horizonte, ed. 1307, Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, p. 20, nov. 2007.

AMARAL, B. H. R. **Planagem**. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1998.

AMARAL, B. H. R. **Peixe Papiro**. São Paulo, Scortecci Editora, 2018.

AMARAL, B. H. R. **Letra / Imagem: A transmutação intersemiótica na poética de Edgard Braga**. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), USP, jul. 2008.

23 SALLES, Cecília Almeida & AUTOR. (2022) **Reverberações de Guimarães Rosa no imaginário das experimentações artísticas**. *FronteiraZ*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, (28), 5-19.

24 AMARAL, B. H. R. **Peixe Papiro**. São Paulo, Scortecci Editora, 2018.

- ARAGON. **Essais de critique génétique**. Paris: Flammarion, 1979.
- ÁVILA, Carlos. **Poesia Pensada**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2004.
- BAUER, Anna Luiza Camargo Arruda. **Dos rascunhos à obra editada: um itinerário poético**. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, PUC-SP.
- BAUER, Anna Luiza C. de Camargo Arruda; CÉSAR, Maria Cecília de Salles Freire. **Semiótica dos rascunhos – sintaxe das rasuras**. Manuscrita - revista da APML, São Paulo, n. 2, 1991 – impressa e digitalizada. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/2003449/187432>
- BERARDINELLI, Alfonso. **Os confins da poesia**. Revista Inimigo Rumor. Rio de Janeiro, Viveiros de Castro Editora, 1º semestre de 2003, n. 14, p. 138-145.
- BRAGA, Edgard. **Extralunário**. Poemas incomptos. São Paulo, Martins, 1960.
- BRAGA, Edgard. **Três poemas de Edgard Braga**. Invenção - Revista de Arte de Vanguarda n.3, ano 2, São Paulo, Junho 1963, p. 58.
- BRAGA, Edgard. **Soma**. São Paulo, Invenção, 1963.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Augusto de. **Algo sobre Algo**. São Paulo, Invenção, 1971.
- CAMPOS, Haroldo de. **Ideograma. Lógica. Poesia. Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo, Perspectiva, 4ª edição, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo, Perspectiva, 1977
- COLAPIETRO, Vincent M. **Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas**. In: Pinheiro, A.; SALLES, Cecília (Org.) *Jornalismo expandido, práticas e sujeitos entrelaçados*. São Paulo, Intermeios, 2016, pp. 43-61.

FERRAZ, Silvio. **Tatuagens - lembrando Edgard Braga**. In FERRAZ, Silvio. Notas. Atos. Gestos. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2007.

FERRER, Daniel. **A crítica genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá**. In: WILLEMART, Philippe. (Org.) Fronteiras da criação: VI Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito. São Paulo, Annablume, 2000.

PLAZA, Julio. **Há Braga. Há Poesia**. Desbragada, São Paulo, 1984, Max Limonad

SALADO, Régis. **La revue Manuscrita [note critique]** In: Genesis (Manuscrits – Recherche – Invention) – Revue internationale de critique génétique, número 3, 1993, Paris – pp. 165-172.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**. São Paulo, Intermeios, 5ª edição, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética: uma (nova) introdução**. São Paulo, Educ, 2000.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3ª edição, Educ, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**. Construção da obra de arte, Vinhedo (SP), Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Arquivos da criação**. Arte e curadoria. Vinhedo (SP), Horizonte, 2010.

SALLES, Cecília Almeida & AUTOR. (2022) **Reverberações de Guimarães Rosa no imaginário das experimentações artísticas**. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, (28), 5-19.

SALLES, Cecilia Almeida. **Processos de criação em grupo: diálogos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SALLES, Cecilia Almeida & ANASTÁCIO, Sílvia Guerra. (Org.) **Processos de criação em debate**. Salvador: UFBA, 2018.

SALLES, Cecília Almeida. **Processos de criação como práticas geradas por complexas redes em construção.** In: Scriptorium, Revista de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2021.

SALLES, Cecilia Almeida. **Redes da criação.** In: Manuscrita – Revista de Crítica Genética, n. 11, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Um poeta, em busca do amanhecer da linguagem.** In: Dialética – Revista de diálogo com a inteligência (número especial dedicado ao centenário de nascimento de Edgard Braga) ano 7, n. 5, Maceió, Sesc de Alagoas, 2000.

WERNER, Michael; Gresillon, Almuth. **Genese et Histoire.** In: Leçons d'écriture, Paris, Minard, 1985.

WERNER, Michael. **Ce qui disent le manuscrits.** In: Leçons d'écriture, Paris, Minard, 1985.